



Livros e luta armada

As edições de obras de Carlos Marighella nos anos 1970 na Europa

Flamarion Maués*

Livro e política

"Siempre que se hace una historia
Se habla de un viejo, de un niño o de sí"

Silvio Rodríguez, **Canción del elegido**

Conhecemos o lugar privilegiado dos livros no movimento internacional dos trabalhadores,¹ em especial nas organizações comunistas.² São reconhecidos como instrumento de emancipação, objeto de divulgação e formação política, meio de aproximação (ou cooptação) de setores intelectuais, e também como veículo de possível arrecadação de fundos para a causa.

Como destaca Serge Wolikow, o livro e a edição estão ligados, no campo comunista, à tradição das Luzes, que associa "o saber com a emancipação política e social". Nessa perspectiva, "O livro, sob suas diversas formas, deve servir à educação popular, contribuir para o despertar das consciências e apoiar o esforço de propaganda. Configura-se, depois disso, como arma que o movimento operário não pode ignorar".³

Ainda segundo Wolikow

[...] o comunismo, como forma partidária organizada e apregoada, a partir de 1917, introduziu uma novidade essencial, na medida em que associa o livro a uma concepção de luta política, que coloca em seu centro a organização e a atividade

estruturada do partido e de seus militantes. O livro é a um só tempo arma política e utensílio de educação popular.⁴

Nos anos 1960, o livro político adquire um papel de relevo nas lutas políticas, em especial na Europa. "O livro, nesta longínqua época, ainda estava na vanguarda da mídia — como não se pode nem mesmo imaginar hoje. A televisão balbuciava, o rádio transistor estava em seus começos. A imprensa semanal era muito menos abundante. [...] O livro então aparecia como uma ferramenta de informação essencial".⁵ Julien Hage, tratando da Itália, destaca:

Em meados da década de 1960, o livro político experimentou um desenvolvimento considerável na Europa Ocidental. Na verdade, é tomado pelas esperanças revolucionárias resultantes da descolonização, depois renovadas no contexto de 1968 graças ao surgimento de novas organizações de extrema esquerda e a uma politização relativamente forte, especialmente entre as crescentes fileiras de estudantes e jovens trabalhadores em grandes fábricas no norte da Itália. As novas mídias de massa, como o livro de bolso, disseminaram para um público mais amplo as ideias revolucionárias, e nasceu um mercado editorial completo para esse tipo de publicações, estimuladas pelo advento de novas editoras políticas de vanguarda que participaram à sua maneira no "boom editorial" desses anos [...].⁶

Tal quadro, com pequenas diferenças locais, poderia ser estendido a outros países europeus, como França e Alemanha, por exemplo. É nesse contexto que os textos de Marighella começam a ser editados na Europa a partir do final dos anos 1960.

* Doutor em História pela Universidade de São Paulo (Brasil), professor no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus São José dos Campos, e membro associado do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8831-0518>

1 Este artigo é derivado de projeto de pós-doutorado financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2013/08668-0). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

2 A primeira versão deste artigo foi apresentada no IV Colóquio Internacional sobre Violência Política no Século XX, realizado em Barcelona entre 15 e 17 de junho de 2022. Uma versão resumida do texto foi enviada para publicação nos anais do referido colóquio.

3 Serge Wolikow, "História do livro e da edição no mundo comunista europeu", em Marisa Midori Deaecto e Jean-Yves Mollier (orgs.), **Edição e revolução: Leituras comunistas no Brasil e na França**, Belo Horizonte e São Paulo, Editora UFMG e Ateliê, 2013, p. 313.

4 *Ibidem*, p. 314.

5 François Maspero, "Postface", em Pierre Jeanneret, Léonard Burnand e Carron Damien, **Livre et militantisme, la Cité** éditeur 1958-1967, Lausanne, Éditions d'en bas, 2007, pp. 164-65.

6 Julien Hage, "Les éditeurs de gauche et la lutte armée en Italie (1966-1979)", em Marc Lazar e Marie-Anne Matard-Bonucci (dir.), **L'Italie des années de plomb**, Paris, Autrement, 2010, pp. 98-111.



Os textos de Carlos Marighella e a guerrilha

"Supo la historia de un golpe
Sintió en su cabeza cristales molidos
y comprendió que la guerra
Era la paz del futuro
Lo más terrible se aprende enseguida
y lo hermoso nos cuesta la vida"

Silvio Rodriguez, **Canción del elegido**

Os textos de Carlos Marighella que tratam diretamente da luta armada como opção imediata de ação política surgiram na segunda metade dos anos 1960, após o golpe de 1964 que derrubou o governo constitucional do Brasil. Em forte processo de crítica à postura de seu partido, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), Marighella questiona a política de conciliação de classes e alianças políticas, que teria levado ao imobilismo que caracterizaria o partido no momento do golpe e sua falta de capacidade de reagir a ele. Tal postura vai se radicalizando e leva-o ao rompimento com o partido em 1967 e sua adesão à luta armada como opção para derrubar a ditadura. A culminância desse processo é a criação da Ação Libertadora Nacional (ALN), em 1968, cujo principal líder será Marighella. O novo grupo, que atuará sempre de modo clandestino, terá nas ações armadas urbanas a sua marca característica durante seus poucos anos de vida ativa.

É no quadro dessa nova formação política e dessa nova estratégia revolucionária que os escritos de Marighella sobre luta armada —com destaque para o que ficará conhecido como guerrilha urbana— serão produzidos e divulgados. São, portanto, textos que circulam inicialmente de forma restrita e clandestina no Brasil mas que, quase simultaneamente, são levados para fora do país, onde são editados, legalmente ou clandestinamente, em periódicos e livros, ou mesmo na forma de panfletos.

Quando rompeu com o PCB em 1967, Carlos Marighella já era um veterano militante e dirigente comunista. Nascido em 1911 na Bahia, entrou para o partido em 1929 e em 1935 já era membro da Comissão Especial do Comitê Central e responsável pelo trabalho de imprensa e divulgação do partido. Em 1937 torna-se membro do Comitê Estadual de São Paulo e em 1946 é um dos deputados federais eleitos pelo PCB na sua única participação legal num processo eleitoral até os anos 80. Com a cassação dos parlamentares comunistas em 1948, Marighella volta à vida clandestina. Em 1952 chega à Comissão Executiva do Comitê Central e nesse mesmo ano é enviado à China, onde passa um ano conhecendo a experiência da recém-vitoriosa Revolução Chinesa.⁷

Durante sua vida militante, produziu diversos textos sobre a ação política do PCB e seus projetos para o país. Foi também preso algumas vezes, visto que durante quase todo o seu tempo de militância o partido atuou na clandestinidade. A última das prisões foi já depois do golpe de 1964, tendo Marighella ficado preso por cerca de três meses. A partir daí acentuaram-se as suas divergências com a linha política do PCB, o que levou à ruptura com o partido em 1967 e à criação da ALN em 1968.

Em fevereiro de 1968, com o "Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo", Marighella anuncia publicamente o rompimento com o PCB e a criação de uma organização que deveria dar início imediato às ações políticas armadas —tal organização seria a ALN.⁸

É a partir desse ano que se iniciam as ações armadas urbanas dessa organização, que serão a base a partir da qual surgirá o texto do **Minimanual do guerrilheiro urbano**, que é redigido e publicado clandestinamente em 1969. Alguns outros textos de Marighella sobre a importância, a organização e as táticas das ações armadas foram escritos em 1966 e 1967, antes, portanto, da criação da ALN. Por exemplo: "A crise brasileira" (1966); "Carta à Executiva" (dezembro de 1966); "Crítica às teses do Comitê Central" (1967); "Carta ao Comitê Central" (1967); "Respostas ao questionário de Pensamiento Crítico" (1967); e "Algumas questões sobre a guerrilha do Brasil" (1967).

De todos os textos de Marighella sobre luta armada, sem dúvida é o **Minimanual do guerrilheiro urbano**, que começou a circular entre os membros da ALN no segundo semestre de 1969, que mais se destacou e marcou a sua produção intelectual. O principal motivo para isso é o fato de ser um texto praticamente único em termos de teorização da guerrilha urbana e de seus fundamentos, e sobre o ensino de táticas e técnicas de treinamento e ação. Mao Tse-tung, Che Guevara, Regis Debray e os relatos da experiência da Guerra do Vietnã descreviam e/ou teorizavam sobre a guerra de guerrilhas tradicional, quer dizer, rural, no campo ou nas matas e florestas. Era essa, basicamente, a literatura que existia sobre guerrilha, até então.

Por isso, a obra de Marighella será recebida com tanto entusiasmo, pois trazia uma nova perspectiva para a luta guerrilheira, que parecia mais adaptada para muitos dos países que tinham grupos armados em ação. Surgido pouco tempo depois da morte de Che Guevara, o **Minimanual** parecia indicar a possibilidade de uma nova etapa nas lutas de guerrilha no mundo.

Todavia, a experiência de ações de guerrilha em cidades não era desconhecida. A guerra de libertação nacional da Argélia, por exemplo, foi marcada por ações violentas da Frente Nacional de Libertação (FLN) em Argel.

7 "Apresentação" em Carlos Marighella, **Escritos de Carlos Marighella**, São Paulo, Livramento, 1979, pp. 5-6.

8 "Apresentação", *op. cit.*, pp. 5-6.



Ao mesmo tempo, é certo que era conhecida a obra do espanhol Abraham Guillén, publicada em outubro de 1966 em Montevideu, **La estrategia de la guerrilla urbana** (Manuales del Pueblo, 1966). Guillén foi um dos precursores da ideia de guerrilha urbana. Ele era um antigo colaborador de grupos guerrilheiros latino-americanos e teve um papel importante junto aos Tupamaros, do Uruguai —não por acaso um dos primeiros grupos a colocar em prática ações de guerrilha urbana.

O livro de Guillén reunia um conjunto de artigos sobre resistência ao imperialismo e guerras de guerrilhas, entre os quais um intitulado "La estrategia de la guerra urbana". É um texto curto, de 12 páginas, em que o autor defende a ideia de que em países em que as regiões urbanas têm grande importância econômica e populacional, a guerra de guerrilhas deve ser travada de modo prioritário nas cidades: "Nos países em que a porcentagem de população urbana é maior do que 50% [...] a luta revolucionária não deve ser preferencialmente nas montanhas e no campo, mas sim guerra urbana: pois onde está a população reside a revolução".⁹

O artigo de Guillén teve, certamente, influência em grupos de diversos países. É um texto mais teórico, que busca defender a ideia de que a guerrilha urbana não é apenas uma etapa para se alcançar a guerrilha rural, mas que nos países mais urbanizados ela deve ser a principal forma de luta revolucionária.

Em contraposição, o **Minimanual** de Marighella era uma obra prática, baseada na experiência recém-adquirida por ele e pela ALN nas ações de guerrilha urbana realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nesse sentido, era uma obra mais propícia para aquele momento em que a ação política revolucionária adquiria urgência entre setores da juventude em vários países do mundo. Era a obra certa (quase esperada, podemos dizer) para diversos setores da esquerda mundial que buscavam formas de ação que pareciam poder ser postas em prática nas grandes cidades por pequenos agrupamentos revolucionários.

Além disso, o **Minimanual** também ganha relevo pelo fato de que Marighella era um líder político experiente e destacado, que ganhou certo relevo internacional a partir de sua participação na conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) em 1967. Era um líder político, um teórico e um homem de ação. Tornava-se, assim, uma figura muito mais atrativa do que Guillén.

As origens do **Minimanual do guerrilheiro urbano**

"Nació de una tormenta
En el sol de una noche
[...] Y al fin bajó hacia la guerra
¡Perdón! quise decir a la tierra"

Silvio Rodríguez, **Canción del elegido**

O **Minimanual do guerrilheiro urbano** surgiu como uma consequência da reflexão que Marighella já vinha fazendo pelo menos desde 1966 sobre a guerra de guerrilhas. E surgiu da necessidade de fornecer subsídios políticos e práticos aos novos militantes da ALN, na sua grande maioria jovens, boa parte deles vindos do movimento estudantil, e quase todos com pouca experiência política —e experiência ainda menor, ou mesmo inexistente, em ações armadas na cidade.

Portanto, o **Minimanual** é uma obra que surge de uma necessidade concreta. Era uma espécie de cartilha para ser usada imediatamente pelos militantes da ALN e de outras organizações armadas. Visava ajudar na formação dos guerrilheiros urbanos de modo imediato. Nesse sentido, era também uma obra em construção, e que certamente teria sido "aperfeiçoada" se a guerrilha urbana tivesse sido mais duradoura. Marighella certamente faria acréscimos e revisões ao texto, se não tivesse sido assassinado pouco mais de um mês depois da primeira versão ter começado a circular.

O **Minimanual** foi redigido por Marighella com a colaboração de outros militantes da ALN, entre os quais Manoel Cyrillo, recolhendo a experiência do Grupo Tático Armado (GTA) paulista até 4 de junho de 1969. De acordo com Clara Charf, companheira de Marighella, o líder da ALN "recolhia experiências e escrevia sobre elas".¹⁰ Celso Horta, membro do GTA paulista, acredita que o militante que teria tido maiores possibilidades de contribuir na elaboração do **Minimanual**, por sua experiência e capacidade política, seria Carlos Eduardo Pires Fleury, que foi morto em 1971.¹¹ "Marighella foi o redator, mas de certo modo o **Minimanual** teve elaboração coletiva, ao compartilhar o aprendizado do GTA paulista", lembra Mário Magalhães, principal biógrafo de Marighella.¹²

A primeira tiragem, feita clandestinamente, teria sido de cem exemplares mimeografados, segundo Domingos Fernandes.¹³ De acordo com Cyrillo, a primeira versão surgida em junho ainda "Estava em fase de preparação, era um esboço".

9 Abraham Guillén, **La estrategia de la guerrilla urbana**, Montevideu, Manuales del Pueblo, 1966, p. 64. Ver também: Carla Luciana Silva, "A influência teórica do militante espanhol Abraham Guillén em grupos de luta armada na América Latina", em **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.º 30, 2021, pp.104-128. Disponível em <http://revista.anphlac.org.br>.

10 Mário Magalhães, **Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo**, São Paulo, Cia. das Letras, 2021, pp. 500-502.

11 Conversa telefônica de Celso Horta com o autor em 10 de janeiro de 2022.

12 Mário Magalhães, *op. cit.*, p. 500.

13 *Ibidem*, p. 504.

Marighella teria solicitado a ele, em setembro de 1969, contribuições “para aprimorar os originais”.¹⁴

Magalhães informa que em outubro de 1969 o Centro de Informações do Exército (CIE) já dispunha de uma cópia do **Minimanual**.¹⁵

Em relação à difusão da obra no exterior, sabemos que foi Zilda Xavier Pereira, militante de total confiança de Marighella, quem levou o primeiro exemplar para Cuba, em outubro de 1969.¹⁶

Dáí em diante, foi rápido o processo de divulgação internacional do **Minimanual**.

Na virada para novembro [de 1969], a Rádio Havana leu trechos. Em março de 1970, as Éditions du Seuil o publicaram em Paris [...]. Os cubanos o divulgaram na íntegra em abril, na revista **Tricontinental**. Na reportagem “Um manual para o terrorista urbano”, o semanário americano **Time** informou em novembro sobre sua reprodução por jornais e movimentos de esquerda locais, como os Panteras Negras. Em 1971, saiu na Inglaterra como **Handbook of urban guerrilla warfare**.¹⁷

Todavia, o **Minimanual** não foi o primeiro texto de Marighella a ter difusão internacional. Desde fins de 1968 parece já haver edição de textos do autor na Europa.

Apresentamos a seguir um levantamento dos textos de Marighella publicados fora do Brasil após sua saída do PCB. Trata-se de um levantamento preliminar e que certamente ainda será complementado por novas informações.

Difusão internacional dos textos de Carlos Marighella

“Fue de planeta en planeta
Buscando agua potable
Quizás buscando la vida o buscando la muerte
Eso nunca se sabe”

Silvio Rodriguez, **Canción del elegido**

Depois da participação de Marighella na Conferência da OLAS em 1967, foi por meio da entrevista que ele concedeu na clandestinidade a Conrad Detrez, em setembro de 1969,

14 Mário Magalhães, *op. cit.*, p. 500.

15 *Ibidem*, p. 505.

16 O *Minimanual* teria sido camuflado dentro de um exemplar da então popular revista **O Cruzeiro**. *Ibidem*, p. 505.

17 *Ibidem*, p. 505.

que seu nome começou a ganhar projeção internacional. A entrevista foi publicada no terceiro número da revista francesa **Front**, em novembro de 1969 —já depois da morte de Marighella— e teve grande repercussão.

Nesse mesmo mês, a prestigiada revista **Les Temps Modernes**, dirigida por Jean-Paul Sartre —na época um dos mais influentes pensadores do mundo— publicou alguns documentos assinados por Marighella e pela ALN.

Todavia, parece que ainda em 1968 já havia sido feita a edição do artigo “Guerriglia urbana in Brasile” de Marighella na revista italiana **America latina, rivista teorica-politica**, (n° 2, ottobre 1968). Esta informação consta da edição desse mesmo texto feita em janeiro de 1969 pela Libreria Feltrinelli (ver abaixo). Nesta edição consta ainda a informação de que o texto havia sido traduzido do espanhol por Luis Macfie Robles.

As primeiras edições de textos de Marighella na Europa que pude localizar são de 1969:

1969

- Carlos Marighella, **Guerriglia urbana in Brasile**, Tradução do espanhol de Luis Macfie Robles, Documenti della rivoluzione nell'America Latina, vol. 22, Milão, Libreria Feltrinelli, jan. 1969, 21 p.

- Conrad Detrez, “Carlos Marighella nous declarait: Le Brésil sera un nouveau Vietnam”, **Front**, Paris, nov. 1969.

- “La lutte armée au Brésil: Collectifs, A.L.N.: Œil pour œil - A.L.N.: Du rôle de l'action révolutionnaire dans la constitution de l'organisation révolutionnaire-A.L.N.: Sur les principes et les questions stratégiques-A.L.N.: Questions d'organisation-A.L.N.: Opérations et tactiques guerilleras”, **Revue Les Temps Modernes**, Paris, Gallimard, n° 280, nov. 1969, Disponível em <http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Revue-Les-Temps-Modernes/Les-Temps-Modernes131>

- Carlos Marighella, **Discorsi e documenti politici per la guerriglia in Brasile**. Tradução sob responsabilidade da Ação Libertadora Nacional, Piccola serie 34/35, Milão, Jaca book, 1969. 158 p.

- [...] **Entrevista con Inti Peredo [...]; un'intervista con il capitano Carlos Lamarca (Brasile) e un'appello al popolo brasiliano di Carlos Marighella**. Tradução do espanhol de Nerio Elter, Coleção Libreria Feltrinelli, 34, Milão, Feltrinelli, 1969, 62 p.

- Carlos Marighella, P. Bouin P. e R. Stavenhagen *et al.*: **America Latina - 1**, Genova, Proposte Valnoci, 1969, 189 p. (O texto de Marighella, com data de 1968, foi publicado sob o título de “Nota dell'editore”, p. 14-24.)



A partir da divulgação de trechos do **Minimanual** pela Rádio Havana no começo de novembro de 1969, surge o interesse pela edição da obra.

O ano de 1970 parece ter sido quando se consolidou a difusão internacional de textos de Marighella. O número de obras editadas cresce substancialmente e, ao mesmo tempo, se amplia o horizonte de países em que suas obras são editadas.

Um momento importante para a divulgação das ideias de Marighella foi a edição francesa, em 1970, de alguns de seus textos, incluindo o **Minimanual**, sob o título **Pour la libération du Brésil**. Esta obra, publicada inicialmente pelas Éditions du Seuil, no primeiro semestre do ano, acabou por ser censurada, como veremos a seguir.

1970

- Carlos Marighella, **Pour la libération du Brésil**, tradução e apresentação de Conrad Detrez, Collection Combats, ed. Por Claude Durand, Paris, Éditions du Seuil, 1970, 137 p.

- Carlos Marighella, **Pour la libération du Brésil**, Paris, Aubier-Montaigne, Christian Bourgois, Buchet-Chastel, Le Centurion, Le CERF, Armand Colin, Denoel, Esprit, Flammarion, Grasset & Fasquelle, Gallimard, Pierre Horay, Magnard, Mercure de France, Minuit, Robert Morel, J.-J. Pauvert, Seghers, Le Seuil, Le Table Ronde, Claude Tchou. 1970.

Editada não muito tempo depois das agitações e lutas políticas do Maio francês de 1968, a obra **Pour la libération du Brésil** acabou sendo uma das vítimas da nova política de "retorno à ordem" implantada pelo governo francês. O ministro do Interior, Raymond Marcellin, "entendia haver um complô internacional ameaçando seu país, o que o levaria a perseguir a difusão de teorias revolucionárias latino-americanas, nas quais via um 'perigo maior'. Para tanto, lançou mão de uma série de dispositivos regulamentares de censura".¹⁸

Assim, o livro de Marighella editado pela Seuil foi censurado. A censura ao livro causou uma forte reação dos editores franceses. Como forma de afrontar a decisão governamental, um conjunto de 21 editoras francesas (ver a lista acima) decidiu lançar conjuntamente uma nova edição de **Pour la libération du Brésil**, que dessa vez não foi censurada.¹⁹ Isso,

18 Felipe Castilho de Lacerda, "Che Guevara em Paris: François Maspero e as Edições 'Terceiro-mundistas' no Contexto de 1968". Disponível em www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC7/MC73.pdf.

19 Nesta nova edição foi publicada uma "Nota dos editores" que explicava os motivos que levaram os editores a realizá-la: "Se o livro de Carlos Marighella **Pela Libertação do Brasil** foi republicado conjuntamente pelas editoras cujo nome aparece na capa do livro, isso não significa que todos esses editores aprovem em conjunto as posições defendidas por este livro e as formas de combate recomendadas. Isso significa que

sem dúvida, acabou colaborando para divulgar mais o nome e as ideias de Marighella na França e no mundo.

As Éditions du Seuil foram criadas em 1935 por Henri Sjöberg, sob inspiração do padre Jean Plaquevent. A partir de abril 1937 estarão sob o comando de Jean Bardet e Paul Flamand.²⁰ Foi a partir dos anos 1950-60 que a Seuil passou a dar mais destaque a obras políticas, com títulos sobre as lutas a favor da descolonização, a obras da literatura dissidente da Europa Oriental e sobre a atualidade política.²¹ Destaca-se também como importante editora universitária do campo das Humanidades.²²

A edição dos textos de Marighella parece seguir a trilha iniciada nos anos 1950 com a edição de algumas importantes obras anticoloniais: **Justice pour le Maroc**, de Robert Barrat (1953), **L'Algérie hors la loi**, de Colette e Francis Jeanson (1955) e **Contre la torture**, de Pierre-Henri Simon (1959).²³

Ainda em 1970, a Seuil publicou outra obra de Marighella: **La crise brésilienne** (Paris, Seuil, 1970. 32 p.). Sem ser uma editora de esquerda, a Seuil integra um grupo de editoras francesas que, na década de 1950-60, se aproxima de um trabalho editorial mais engajado em relação a algumas questões políticas da época. É nesse campo de atuação que parece ocorrer a publicação do livro de Marighella.

Outra editora que teve importância para a divulgação de obras de Marighella na Europa foi a Maspero, que publicou durante alguns anos a edição francesa da revista **Tricontinental** (ver a seguir), além de publicar em 1970 na França o livro **Acción libertadora**, com textos da ALN, inclusive o **Minimanual do guerrilheiro urbano** (edição em espanhol, Coleção Documentos latino-americanos, ver adiante).

François Maspero abriu sua primeira livraria em 1955, com apenas 23 anos. Chamava-se L'Escalier. Em 1957 abriu a segunda, que se tornaria célebre: a livraria La Joie de Lire, no nº 40 da rue Saint-Séverin em Paris. "Esta livraria extraordinária era uma verdadeira universidade popular, 'uma livraria-biblioteca a serviço dos ativistas culturais', segundo o desejo

eles não podiam admitir que, em um país democrático, a administração pudesse proibir, por meio de um decreto de 6 de maio de 1939 tomado para as necessidades da defesa nacional, a distribuição de qualquer livro estrangeiro sem dar razões ao autor ou editor, e sem antes pedir permissão de um tribunal. Foi o caso deste livro". Em Carlos Marighella: **Pour la libération du Brésil**, *op. cit.*, 1970. Sobre a censura na França ao livro de Marighella ver também: Matheus Leitão, "A história de censura e liberação do livro de Marighella", **Veja**, 9 de novembro de 2021. Disponível em <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/a-historia-de-censura-e-liberacao-do-livro-de-marighella/>.

20 Jean-Yves Mollier, **Edição, imprensa e poder na França no século XX**, São Paulo, Edusp, 2015, p. 135.

21 "La Maison", Página eletrônica das Éditions du Seuil. Disponível em www.seuil.com/la-maison.

22 Jean-Yves Mollier, *op. cit.*, p. 399.

23 *Ibidem*, p. 257.

que ele próprio exprimia, um lugar extraordinário para a troca de ideias".²⁴

A editora surgiu em 1959 e logo se destacou com a publicação de obras de denúncia da guerra da Argélia e do colonialismo francês, assim como, posteriormente, contra a Guerra do Vietnã e outras formas de agressão imperialistas. Sofreu por isso ações de censura governamental e acusações de ameaçar a segurança do Estado francês.²⁵

A partir dos anos 1980 se voltou para o apoio aos opositores e dissidentes dos países socialistas do Leste Europeu.

Nos anos 1960-70 publicou obras dos principais líderes políticos das lutas anticolonial e anti-imperialista, como Frantz Fanon, Ho Chi Minh, Giap, Fidel Castro, Che Guevara, Ben Barka, Mongo Beti e o angolano Mário de Andrade. É nesse quadro que ocorre a edição da revista **Tricontinental** e de textos de Marighella e da ALN.

As Éditions François Maspero foram uma das mais importantes e atuantes editoras políticas de esquerda da Europa durante seu período de existência (1959-1982), marcando sempre sua ação editorial pelo engajamento em grandes causas progressistas.

A revista cubana **Tricontinental**, editada pela Organização de Solidariedade com os Povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL), também teve papel central na difusão dos textos de Marighella. Suas edições cubana, francesa e italiana estiveram entre as primeiras a divulgar o **Minimanual**:

- **Tricontinental**, Havana, abr. 1970, n° 16 (janeiro-fevereiro), 98 p. 20 cm. (Publicou a íntegra do **Minimanual do guerrilheiro urbano** de Carlos Marighella, pp. 9-42.)

- **Tricontinental**, Paris, Maspero, n°1, 1970, "Homage à Carlos Marighella". Corée, bastion de la lutte anti-yankee, par Pak Sung Chul; Marighella: une vie et une action créatrices, par J. Camara Ferreira; Petit manuel du guérillero urbain, par Carlos Marighella – etc. Paris, Maspero, 1970. (Publicou trechos do **Minimanual do guerrilheiro urbano** de Carlos Marighella.)

- **Tricontinental**, bimestrale, Anno IV, n° 16-17, Milão, Giangiacomo Feltrinelli Editore, gennaio-aprile 1970, 191 p. (Publicou trechos do **Minimanual do guerrilheiro urbano** de Carlos Marighella.)

A revista **Tricontinental** foi editada em Cuba pela Organização de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL) em espanhol e inglês, entre 1967 e 2019, salvo por um período de interrupção entre 1990 e

24 Pierre Jeanneret, "François Maspero, un éditeur engagé dans le siècle", **Gauchebo**, 29 avril 2010. Disponível em <http://www.gauchebo.ch/?Francois-Maspero-un-editeur-engage>.

25 Pierre Jeanneret, *Ibidem*.

1995. Durante vários anos houve também edições em francês e em italiano.²⁶

A OSPAAAL foi resultado da Primeira Conferência de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina, conhecida como Conferência Tricontinental, que se realizou em Havana, Cuba, de 3 a 15 de janeiro de 1966. Ela reuniu cerca de 480 "representantes de partidos, movimentos e organizações políticas e sociais, sindicais, de estudantes, de mulheres, de 82 países, além de alguns organismos internacionais e países socialistas, convidados e observadores".²⁷

A revista [**Tricontinental**], que era bimestral, "buscou promover debates sobre socialismo, anti-imperialismo, luta armada, 'solidariedade militante' e experiências das esquerdas nos três continentes. Em seu auge, alcançou a tiragem de 50 mil exemplares, distribuídos gratuitamente a movimentos revolucionários, governos e partidos de esquerda membros da organização, e vendida por subscrição a uma vasta gama de assinantes em todo o mundo".²⁸

Em parceria temporária com editoras locais, foram publicadas também versões em francês, italiano e árabe.²⁹

Fortemente vinculada ao governo cubano, a revista refletia em grande medida posições próximas à política externa de Cuba no período. A difusão de textos de Marighella pela revista —bem como a divulgação de entrevistas e textos de sua autoria pela Rádio Habana— mostram o apoio de Cuba às ideias do líder da ALN.

A partir de então, outras edições internacionais do **Minimanual** surgiram em 1970:

- Carlos Marighella, **Acción libertadora**, Coleção Documentos latino-americanos, vol. 1. Paris, Maspero, ago. 1970. 146 p. (Entre os textos publicados neste livro está o **Minimanual**, reproduzido nas p. 89-146.)

- Carlos Marighella, **Minimanual del guerrillero urbano**, Santiago [Chile], Prensa Latinoamericana, 1970. 31 p. Publicado como suplemento da revista **Punto Final**, n°103, 28 abr. 1970.

26 Lídia Maria de Abreu Generoso, "A revista *Tricontinental* e a construção do Terceiro Mundo: conceito, itinerâncias e sensibilidades", **Esboços**, Florianópolis, n° 46, vol. 27, set./dez. 2020, p. 455.

27 "Nota do Editor", em Marco Aurélio Garcia, **Notas para uma história dos trabalhadores: contribuição à história da esquerda brasileira e outros escritos**, São Paulo, IMAG/Fundação Perseu Abramo, 2019, p. 62.

28 Lídia Maria de Abreu Generoso, *op. cit.*, p. 3.

29 *Ibidem*, p. 455.



- Carlos Marighella, **Minihandbuch des Stadtguerilla**, Berlin, s. e., mai.1970.³⁰

- Carlos Marighella, **Pequeno manual do guerrilheiro urbano**, Alger, FPLN, 1970, 49 p. (Edição realizada na Argélia pela Frente Patriótica de Libertação Nacional-FPLN, organização que reunia opositores portugueses exilados, cuja sede funcionou na Argélia até o fim da ditadura portuguesa, em abril de 1974.)

- Carlos Marighella, **Minimanual of the urban guerrilla**, San Francisco, New World Liberation Front, 1970. Panfleto, grampeado, 42 p.

Existem ainda informações sobre outras edições do **Minimanual** possivelmente publicadas em 1970, mas sobre as quais não foi possível confirmar a data de publicação:

- Carlos Marighella, **Minimanual of the urban guerrilla**, Washington, U.S. Citizens Committee for a Free Cuba.

- Carlos Marighella, **Minimanual of the urban guerrilla**, Berkeley/Califórnia, Long Time Comin' Press/Industrial Workers of the World.

- Carlos Marighella, **Manual of the urban guerilla**, Londres, Grassroots Pub.

- Carlos Marighella, **Manual of the urban guerilla**, s. l., Spade, Brochura, grampeada. Sem data, c. 1970. 50 pp. (Contém um posfácio de Shipanga sobre a Namíbia)³¹

- **Carlos Marighella**, Havana, Tricontinental Press, 1970. (Este livro intitula-se apenas **Carlos Marighella**. Contém uma introdução, uma biografia e algumas curtas peças teóricas de Marighella, além de sua carta de renúncia do PCB. O livro traz a informação e que a tiragem foi de 10.000 exemplares impressos em janeiro de 1970 na Imprensa amilo Cienfuegos, em Havana)³²

Outras publicações de textos de Marighella em 1970 foram:

- Carlos Marighella, **La crise brésilienne**, Paris, Seuil, 1970. 32 p.

- Carlos Marighella, **La guerra revolucionaria**, México, D.F., Editorial Diógenes, 1970 (2ª ed. 1971; 3ª ed. 1979).

30 John S. Craig, **Heroes, rogues, and spies: Historical essays**, s. l., Lulu Books, 2012, p.169. Disponível em https://books.google.com.br/books?id=RnakAwAAQBAJ&pg=PA169&dq=manual+marighella+Baader+Meinhof&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewjs59v2mPPpAhXSK7kGHQ_eCncQ6AEIKzAA#v=onepage&q=manual%20marighella%20Baader%20Meinhof&f=false.

31 Informações obtidas em: commoncrowbooks.com/pages/books/0085432/carlos-marighella-andreas-z-shipanga/manual-of-the-urban-guerilla.

32 Josh Macphee, **Judging Books by Their Covers**. Disponível em justseeds.org/jbttc-132-tricontinental-press-pt-1/.

- Camilo Torres e Carlos Marighella, **Dos rebeldes**, Lima, Editorial Machu Picchu, 1970.

Em 1971 novas edições surgiram. Possivelmente a mais importante, por sua difusão internacional, foi a edição na Inglaterra do **Minimanual**, incluído no livro **For the liberation of Brazil**.

1971

- Carlos Marighella, **For the liberation of Brazil**, Pelican Latin American library, Harmondsworth, [Inglaterra], Penguin Books, 1971. (Esta edição foi apresentada pelo jornalista Richard Gott, do jornal **The Guardian**. A publicação por uma editora de prestígio como a Penguin e a legitimação de um jornalista como Gott "fizeram com que esta edição chegasse bem mais longe, em termos do mundo anglófono", alcançando maior difusão nos países de língua inglesa).³³

- Carlos Marighella, **Escritos de Marighella: contribuciones del guerrillero brasileño a la lucha de liberación de Latinoamérica**. Santiago, Prensa Latinoamericana, 1971, 304 p.

- Carlos Marighella, **O Brasil de Carlos Marighella: na senda de Guevara**, com seleção e coordenação literária de Milton Miranda (c. 1971), edição do tradutor (A. Abreu), Porto, Latitude, s/d. [1971].

- Carlos Marighella, **Teoría y acción revolucionarias**, México, Editorial Diógenes, 1971 (2ª ed. 1972; 4ª. 1978).

- Carlos Marighella, **Zerschlagt die Wohlstandinseln der Dritten Welt: mit dem Handbuch der Guerrilleros von São Paulo** [Destrua as ilhas da prosperidade do Terceiro Mundo: com o manual da guerrilha de São Paulo], ed. Conrad Detrez, introdução à edição alemã de Márcio M. Alves, Reinbek (b. Hamburg), Rowohlt, 1971.

1972

- Robert Moss: "Urban Guerrilla Warfare: With an Appendix - Minimanual of the Urban Guerrilla, by Carlos Marighella (booklet)", **Adelphi Papers**, nº 79, 1972, Londres, The Institute For Strategic Studies.

33 Eduardo Netto Carreira, **Carlos Marighella e a história do conceito "terrorismo"**, Tese de doutoramento, Universidade de Brasília, 2020, pp. 320. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40477>. Em relação à divulgação das ideias de Marighella em inglês, é importante lembrar que a capa da revista **Time** de 2 de novembro de 1970 tinha como chamada "The urban guerrillas", e nas páginas 20 e 21 trazia um comentário sobre o **Minimanual** intitulado "A manual for the urban terrorist". **Time**, 2 de novembro de 1970, pp. 20-21. Disponível em time.com/vault/issue/1970-11-02/page/28/.

1973

- Carlos Marighella, **Gia te n apeleuthero se te s Vrazilias** [Grego moderno], Athēnai, P. Gavalas, 1973. (Matéria no jornal **The New York Times** informo que em 28 de março de 1973 o advogado Petros Gavalas foi preso "depois que a polícia foi às livrarias de Atenas e confiscou cópias de sua tradução de **The Urban Guerrilla** de Carlos Marighella")³⁴

1974

- Carlos Marighella, **Carta aos revolucionários europeus**, Coleção Textos Anti-imperialistas, Luar, c1974.

- Carlos Marighella, **Textos**, Coleção Textos Anti-imperialistas 2, Luar, nov. 1974.

Carlos Marighella, **Carlos Marighella: solidariedade com os patriotas brasileiros em luta contra o imperialismo**, s. L., M.S.P., L.U.A.R., M.E.S., 1974.

1975

- Carlos Marighella, **Manual do guerrilheiro urbano e outros textos**, Lisboa, Assírio & Alvim, 1975. Tiragem: 5000.

- Carlos Marighella et. al., **Luta de morte ao imperialismo: construir o socialismo**. Textos de Vasco Gonçalves, Che Guevara, Camilo Torres, Carlos Marighella, Ho Chi Minh e Santiago Carrillo, coordenação e tradução de Serafim Ferreira, Lisboa, Fronteira, 1975.

Repercussão dos textos de Marighella em grupos guerrilheiros pelo mundo

"Y hay que quemar el cielo si es preciso
Por vivir"

Silvio Rodriguez, **La era esta pariendo un corazón**

No continente europeu, parece ter sido na Itália onde primeiro as ideias de Marighella chegaram. Lá, o editor Giangiacomo Feltrinelli foi um dos primeiros a difundir e publicar o

34 "2 More Are Seized As Security Arrests Continue in Athens", em **The New York Times**, New York, 29 de março de 1973. Disponível em [nytimes.com/1973/03/29/archives/2-more-are-seized-as-security-arrests-continue-in-athens.html](https://www.nytimes.com/1973/03/29/archives/2-more-are-seized-as-security-arrests-continue-in-athens.html).

Minimanual.³⁵ Sua editora e sua cadeia de livrarias foram importantes para divulgar vários textos sobre a luta armada latino-americana. Feltrinelli tem uma trajetória única, pois trata-se do herdeiro de uma família multimilionária que utilizou sua fortuna para construir uma importante editora de esquerda e optou pelas ideias de extrema esquerda, tornando-se, inclusive, militante, patrocinador e dirigente de grupos armados.

A Giangiacomo Feltrinelli Editore foi criada em Milão em julho de 1955. Feltrinelli era herdeiro de uma das famílias mais ricas da Itália e se tornou um dos mais importantes editores e livreiros europeus nos anos 1960. Ligado às ideias de esquerda, sua editora e a sua rede de livrarias vão estar claramente engajadas na produção e distribuição de obras de cunho político ligadas ao pensamento de esquerda, assim como a importantes autores da literatura internacional. A editora tornou-se célebre por ter publicado a primeira edição mundial do clássico **Doutor Jivago**, de Boris Pasternak, em 1957.

Entusiasta da Revolução Cubana, editou o livro **Guerra de guerrilhas**, de Guevara, na Itália, e fez algumas visitas a Cuba, tendo se tornado amigo de Fidel Castro.

Criou a coleção "Documenti della rivoluzione nell'America Latina", que editou dezenas de pequenos volumes a preço baixo com textos de movimentos políticos latino-americanos e de seus líderes, como Che Guevara, Fidel Castro, Camilo Torres, Carlos Marighella, Douglas Bravo e Régis Debray. Foi Feltrinelli que editou na Itália a revista **Tricontinental**, o que lhe rendeu, em janeiro de 1970, um processo por "incitação ao assassinato".³⁶

A partir de meados dos anos 1960 Feltrinelli envolveu-se cada vez mais com a Revolução Cubana. "Em 1967, ele foi à Bolívia para defender Régis Debray, que estava preso lá, e tornou-se uma das principais figuras —se não um dos maiores financiadores— da luta anti-imperialista na Europa".³⁷

O próprio Giangiacomo Feltrinelli destacava a unidade entre a sua atuação como editor e como militante político ao afirmar, em carta de 1957: "[...] para nós, opiniões políticas e ação editorial são inseparáveis".³⁸

No final dos anos 1960 Feltrinelli aprofundou a sua militância na esquerda radical e criou o Gruppi d'Azione Partigiana (ou Esercito Popolare di Liberazione), que visava realizar ações armadas anticapitalistas. Ele colaborou com a maioria dos movimentos de extrema esquerda ativos no norte da Itália,

35 Claire Sterling, **A rede do terror: a guerra secreta do terrorismo internacional**, Rio de Janeiro, Nórdica, 1982, p. 39.

36 Julien Hage, "Les éditeurs de gauche et la lutte armée en Italie (1966-1979)", em Marc Lazar e Marie-Anne Matard-Bonucci (dir.), *op. cit.*, p. 11.

37 *Ibidem*, p. 17.

38 Carlo Feltrinelli, **Feltrinelli, editor, aristocrata e subversivo**, São Paulo, Conrad, 2006, p. 120.



"Os testemunhos publicados recentemente revelam um ativista dedicado e muito ativo".³⁹

Em 1971 fez treinamento de técnicas de luta armada em Cuba. Régis Debray, que também estava presente, lembra que o editor não levava muito jeito para fazer bombas. Isso lhe custaria caro. Ele morreu em março de 1972 quando instalava uma bomba em uma instalação de alta tensão na rua Cassanese, nas imediações de Milão.⁴⁰

Há informação de que teria existido uma primeira edição semiclandestina do **Minimanual** ainda em 1969, sem referência ao editor ou ao local de publicação, mas possivelmente teria sido editada por Feltrinelli. A organização política fundada por Feltrinelli, o Gruppi d'Azione Partigiana, foi provavelmente a primeira a ser influenciada pelo **Minimanual**.⁴¹

Mas foi junto às Brigadas Vermelhas, o mais importante grupo armado da Itália nos anos '70, que a obra de Marighella teve ampla aceitação. "Renato Curcio e Alberto Franceschini, do núcleo original das Brigadas, tiveram acesso ao **Manual** de Marighella já no final de 1969 —justamente o ano de fundação da organização— pelas mãos de Feltrinelli. E montaram seu grupo em moldes bem próximos àqueles sugeridos por Marighella nos seus textos".⁴²

Na então Alemanha Ocidental, o primeiro grupo a incorporar ideias do **Minimanual** foi o que ficou conhecido como grupo Baader-Meinhof, cujo nome oficial era Fração do Exército Vermelho (Rote Armee Frakti-RFA). Seus principais mentores foram Andreas Baader, Gudrun Ensslin e Ulrike Meinhof. Eles teriam tido contato com o **Minimanual** entre 1969 e 1970, quando se encontraram com Feltrinelli na Itália. Eles teriam, inclusive, discutido o texto com o editor e militante.⁴³

A influência de Marighella seria perceptível, por exemplo, nos textos "Rote Armee Fraktion: der plan der urbanen Guerrilla" (Fração do Exército Vermelho: o plano da guerrilha urbana) e "Die Guerrilla in der Grosstadt" (Os guerrilheiros na grande cidade).⁴⁴

Assim, destaca-se, como já assinalado, o papel de Feltrinelli e de sua editora como polo a partir do qual o **Minimanual** se irradiou para diversos grupos armados na Europa.

39 Julien Hage, "Les éditeurs de gauche et la lutte armée en Italie (1966-1979)", *op. cit.*, p. 19.

40 O jornal **Corriere della Sera** estampou a seguinte manchete no dia 16 de março de 1972: "Terrorista morre às portas de Milão ao tentar explodir torre de alta tensão". Inicialmente, o corpo não foi identificado; somente após cerca de 24 horas é que ele foi reconhecido como sendo o de Feltrinelli. Carlo Feltrinelli, *op. cit.*, pp. 381-85.

41 Eduardo Netto Carreira, *op. cit.*, p. 326.

42 *Ibidem*, p. 327.

43 *Ibidem*, p. 325.

44 Matteo Re, "Cómo las guerrillas metropolitanas sudamericanas influenciaron en el terrorismo europeo: praxis organizativa y un lenguaje común", **Revista Electrónica Iberoamericana**, n.º 1, vol. VI, Madri, 2012, pp. 1-29, esp. p. 13. Disponível em <http://www.urjc.es/ceib>.

Na Espanha, pequenos grupos, alguns deles cisões do ETA (Euskadi Ta Askatasuna —Pátria Basca e Liberdade, em basco), parecem ter sofrido influência do **Minimanual**: os Comandos Anticapitalistas Autônomos, do País Basco; os Grupos de Resistencia Antifascista Primero de Octubre (GRAPO), maoísta; o Movimiento Ibérico de Liberación-Grupos Autônomos de Combate, da Catalunha (precursor dos Grupos de Acción Revolucionaria Internacionalista); e o Exèrcit Popular Català (precursor do Terra Lliure).⁴⁵

Outros pequenos grupos armados europeus também foram influenciados: Angry Brigade (Inglaterra), Cellules Communistes Combattants (Bélgica), Action Directe (França), Rode Jeugd (Holanda).⁴⁶

Na América Latina, as ideias de Marighella foram utilizadas pelo Movimento de Liberação Nacional-Tupamaros. Neste caso, não tanto pelas lições sobre guerrilha urbana, visto que os Tupamaros realizaram ações de luta armada nas cidades antes do surgimento do **Minimanual**, embora a teorização de Marighella sobre o tema tenha sido utilizada pelos uruguaios. "Os Tupamaros no Uruguai seguiram explicitamente o ensinamento de Mariguella ao tentar forçar o governo a se tornar repressivo a tal ponto que se engendrasses um clima de colapso que permitiria que o braço político do movimento guerrilheiro se apresentasse como a alternativa viável e chegasse ao poder".⁴⁷

Na Argentina, principalmente após o "Cordobazo" em maio de 1969, as ideias de Marighella sobre guerrilha urbana tiveram grande simpatia por parte de alguns fundadores do grupo Montoneros.⁴⁸

Também na Colômbia as teorias da guerrilha urbana tiveram influência. O Movimento 19 de Abril (M-19), que surge em 1970, foi fortemente inspirado pelas propostas do **Minimanual**.⁴⁹

Nos Estados Unidos o jornal do grupo Black Panther, intitulado **The Black Panther**, havia publicado poucos dias após a morte de Marighella um texto da ALN, identificando Marighella como o seu líder.⁵⁰ Alguns trechos do **Minimanual** foram publicados no jornal **Right On! Black Community News Service**, vinculado ao grupo.⁵¹

45 Eduardo Netto Carreira, *op. cit.*, p. 329.

46 *Ibidem*, p. 329.

47 Grant Wardlaw, **Political terrorism**, Cambridge, Cambridge University Press, 1989, p. 38. *Apud* Eduardo Netto Carreira, *op. cit.*, p. 321.

48 Marcelo Larraquy, **De Perón a Montoneros: História de la violencia política em la Argentina. Marcados a fuego II (1945-1973)**, Buenos Aires, Aguilar, 2010, p. 255.

49 Eduardo Netto Carreira, *op. cit.*, p. 321.

50 "A message to brazilians". **The Black Panther**, 8 de novembro de 1969. Cf. Andrey Santiago, "A influência de Carlos Marighella no Partido dos Panteras Negras". Disponível em traduagindo.com/2021/11/04/carlos-marighella-panteras-negras/.

51 Eduardo Netto Carreira, *op. cit.*, p. 322.

Existem também referências a influências do **Minimanual** no Symbionese Liberation Army-SLA (Exército Simbionês de Libertação), famoso pelo sequestro de Patty Hearst em 1974.⁵²

Sabe-se também da difusão dos textos de Marighella, em especial o **Minimanual**, no mundo árabe (em particular pela Frente Popular de Libertação da Palestina, de George Habash).⁵³ Há notícia de uma edição do **Minimanual** no Japão.⁵⁴

Transformação de Marighella em referência para a luta armada internacional

"La palabra que se dirá
In memoriam será la explosión"

Silvio Rodriguez, **Fusil contra fusil**

O **Minimanual** foi traduzido até hoje em vários idiomas, como vimos. Há quem afirme que foi publicado em mais de 20 idiomas.⁵⁵ Como ocorreu tal difusão e influência?

Parece certo que o papel esboçado para Marighella a partir de sua participação na Conferência da OLAS e após a morte de Che Guevara, ambos eventos ocorridos no segundo semestre de 1967, teve importante significado para que isso ocorresse.

Há variadas fontes que mencionam a ideia de tornar Marighella o "substituto" de Che. Esta seria a proposta de setores ligados ao castrismo e ao projeto de apoio internacional a grupos armados de esquerda. Tal proposta é mencionada por autores de diferentes matizes ideológicos.⁵⁶

Não resta dúvidas de que a influência de algumas ideias de Marighella foi ampla e se difundiu rapidamente a partir, principalmente, do surgimento do **Minimanual**. O assassinato de seu autor no início de novembro de 1969, quando o texto ainda era pouco conhecido fora do Brasil, parece ter ajudado

a criar uma certa aura mítico-revolucionária sobre a obra e seu autor.

Como vimos, o apoio cubano foi importante para que isso ocorresse, principalmente por meio da revista **Tricontinental**.

E na Europa, já destacamos o papel do editor Giangiacomo Feltrinelli e do filósofo Jean-Paul Sartre, além das Éditions du Seuil.

São muitos os militantes e estudiosos que destacam a influência de Marighella.

Sartre teria elogiado a "linguagem direta" do **Minimanual**.⁵⁷ O general brasileiro Durval Andrade Nery afirmou que "nunca se fez manual de guerrilha urbana melhor do que o de Marighella". Ele teria também visto um exemplar da obra na biblioteca da Escola das Américas, no Panamá, centro militar estadunidense de formação de oficiais estrangeiros.⁵⁸

Magalhães destaca aquela que seria a maior inovação de algumas ideias do líder da ALN: "No campo, o inspirador fora o Che; nas cidades, era Marighella".⁵⁹

O **Minimanual** teria se tornado "a cartilha-padrão do terrorista" e "escritura revolucionária", sendo "encontrado em automóveis, bolsos e esconderijos de terroristas famosos, de Estocolmo a Beirute e Tóquio, é a planta na qual eles baseiam sua estratégia".⁶⁰

Tornou-se "um documento seminal na história do terror insurgente", encontrado em batidas policiais durante a década de 1960 nos apartamentos de membros do Grupo Baader-Meinhof na Alemanha Ocidental, das Brigadas Vermelhas na Itália, do IRA na Irlanda do Norte, na organização basca ETA na Espanha e na Frente Popular para a Libertação da Palestina em Beirute, para citar apenas os mais destacados.⁶¹ "O **Minimanual** foi alçado ao *status* de 'manual oficial de treinamento' dessas organizações. Até o famoso terrorista venezuelano Ilich Ramirez Sanchez teria se inspirado em Marighella para adotar o codinome de "Carlos, o Chacal".⁶²

52 Thomas Deakin, "The legacy of Carlos Marighella", **FBI Law Enforcement Bulletin**, vol. XLIII, 1974, p. 21.

53 Eduardo Carreira afirma ter localizado uma edição do **Minimanual** em língua árabe em 1969, o que parece muito improvável (não a edição, mas a sua data). Eduardo Netto Carreira, *op. cit.*, p. 330.

54 Carlos Marighella, **Toshi-sen kōsu** (Curso de guerra urbana), Tóquio, Instituto Cuba-Japão de Intercâmbio Cultural/Sanichi Shobo, 1970, 231p. Cf. Eduardo Netto Carreira, *op. cit.*, p. 332.

55 Martin A. Miller, **The foundations of modern terrorism: State, society and dynamics of political violence**, Duke University, Cambridge University Press, 2012, p. 220.

56 Ver, por exemplo: Takao Amano, **Assalto ao céu**, Coleção Memória Militante, São Paulo, COM-ARTE, 2014, p. 59; Mário Magalhães, *op. cit.*, p. 506; Luís Mir, **A revolução impossível**, São Paulo, Best Seller, 1994, p. 246.

57 Mário Magalhães, *op. cit.*, p. 500.

58 *Ibidem*, p. 504.

59 *Ibidem*, p. 506.

60 Claire Sterling, *op. cit.*, pp. 18 e 32. Como lembra Eduardo Carreira, é preciso ter algum cuidado com estas informações, pois, "Durante a década de 1970, forças repressivas do mundo inteiro relataram encontrar exemplares do Manual de Marighella durante batidas policiais em aparelhos subversivos. Muitas vezes o livrinho era 'plantado' pelas autoridades para incriminar pessoas, dado sua fama e conteúdo". Eduardo Netto Carreira, *op. cit.*, p. 324.

61 Martin A. Miller, *op. cit.*, p. 220.

62 John S. Craig, *op. cit.*, p. 169.



Marighella seria "uma autoridade moderna na doutrina do terrorismo" e "o mais popular defensor do terrorismo moderno".⁶³

Para outro autor, "O conjunto de textos de Marighella continua sendo um dos mais influentes —talvez o mais influente— na história moderna do terrorismo".⁶⁴

Mesmo meios massivos de comunicação, como a TV, destacaram o papel de Marighella. Um documentário de 2007 do History Channel sobre o grupo Baader-Meinhof destaca a influência do **Minimanual** para a organização, como "um guia para levar as táticas de guerrilha rural para regiões urbanas".⁶⁵

Talvez tenha sido Randall D. Raw quem melhor captou a profundidade que as ideias de Marighella podem ter alcançado. Elas teriam reunido "quase todas as vertentes de inovação dos teóricos e praticantes da história do terrorismo". Mas o principal seria que "Sua abordagem se tornou tão ampla que a maioria dos que a adotaram nos últimos quarenta anos são provavelmente incapazes de nomear seu autor".⁶⁶

O livro como instrumento de luta política e o papel da mediação editorial

"Al final de este viaje en la vida quedará nuestro rastro invitando a vivir. [...] Somos prehistoria que tendrá el futuro, somos los anales remotos del hombre."

Silvio Rodriguez, **Al final de este viaje**

Como vimos, aqueles primeiros cem exemplares mimeografados do **Minimanual** foram apenas o início de um amplo e internacional processo de difusão das ideias e dos textos de Marighella, que chegaram a praticamente todos os continentes.

Uma parte dessa difusão se deu por meio de publicações periódicas, revistas e jornais. Mas outra parte teve como elemento central o livro. E é aqui que gostaríamos de buscar alguns elementos que podem nos ajudar a perceber

63 Gerard Chaliand e Arnaud Blin, **The History of Terrorism: From Antiquity to Al Qaeda**, University of California Press, 2007.

64 Randall D. Raw, **Terrorism, a history**, Cambridge, Polity Press, 2009, p. 256.

65 **Baader-Meinhof Gang**. Série Biography. Documentário do History Channel. Filmado, escrito e dirigido por Fiona Procter. Production coordinator: The Biography Channel, Jonathan Luftman. 2007. Disponível em [youtube.com/watch?v=fzXVsWojKII&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=fzXVsWojKII&t=3s).

66 Randall D. Raw, *op. cit.*, p. 257.

a importância desse veículo e de seus editores como atores políticos e seu papel nas lutas de seu tempo.

Para isso, é preciso entender o crescimento do livro político e da edição política nos anos 1960-70 na Europa Ocidental, com o surgimento de um número significativo de editores (e casas editoriais) para quem o engajamento político era um fator central.

Como destaca Julien Hage, esta nova geração de "editores comprometidos" foi "Impulsionada pela guerra da Argélia, a descolonização e o movimento de maio de 68" e se desenvolveu "à margem dos sistemas editoriais partidários comunistas". Para este autor, tais editores renovaram o significado da ideia de editor engajado, "afirmando-se como intelectuais na luta contra a censura, às vezes assumindo um papel político significativo à frente de movimentos da extrema esquerda emergente e desempenhando um papel decisivo de contrainformação". Isso tudo num quadro de êxito do livro político, que alcança grande circulação internacional.⁶⁷

Outra vertente destaca o papel do impresso como arma no combate político. Jean-Yves Mollier sugere que o impresso é uma das bases para a formação de uma opinião pública, com especial força nos períodos de agitação política.⁶⁸ Nesses momentos, o impresso político ocupa um lugar estratégico, contribuindo fortemente "para fazer a política descer às ruas". Em algumas conjunturas, tais impressos têm "um papel excepcional para solapar as bases do regime".⁶⁹

A partir desses pressupostos, esta investigação busca trazer novos elementos para entender como foi a relação desse novo tipo de editor engajado com os autores e movimentos políticos latino-americanos que forneceram parte das ideias e do material editorial publicado por eles na Europa nos anos 1970.

Referências bibliográficas

"2 More Are Seized As Security Arrests Continue in Athens", em **The New York Times**, New York, 29 de março de 1973.

67 Julien Hage, "La génération des éditeurs protagonistes de la décolonisation. Radicalités, rigueurs et richesses de l'engagement éditorial". **Bibliodiversity - Édition et engagement**, Février, 2016, pp. 9-17.

68 Jean-Yves Mollier, "Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século XV ao século XX", em Eliana Freitas Dutra e J. Y. Mollier (orgs.), **Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**, São Paulo, Annablume, 2006, pp. 259-274.

69 Jean-Yves MOLLIER, *op. cit.* O trabalho analisa o papel do impresso como arma no combate político na França, em um amplo período que vai do século XV ao século XX. Evidentemente, ao tratar do impresso, Mollier abarca um universo bem mais amplo do que o do livro, pois inclui também a imprensa, o panfleto, o folheto, os cartazes etc. Mas podemos transpor e adaptar algumas de suas sugestões para o período do nosso estudo para o campo mais restrito da edição de livros políticos.

- Disponível em [nytimes.com/1973/03/29/archives/2-more-are-seized-as-security-arrests-continue-in-athens.html](https://www.nytimes.com/1973/03/29/archives/2-more-are-seized-as-security-arrests-continue-in-athens.html).
- "A manual for the urban terrorista", em *Time*, 2 de novembro de 1970, pp. 20-21. Disponível em [time.com/vault/issue/1970-11-02/page/28/](https://www.time.com/vault/issue/1970-11-02/page/28/).
- "A message to brazilians", em *The Black Panther*, 8 de novembro de 1969. Cf. Andrey Santiago, "A influência de Carlos Marighella no Partido dos Panteras Negras". Disponível em traduagindo.com/2021/11/04/carlos-marighella-panteras-negras/.
- "Apresentação", em Carlos Marighella, *Escritos de Carlos Marighella*, São Paulo, Livramento, 1979, pp. 5-8.
- Amano, Takao, *Assalto ao céu*, Coleção Memória Militante, São Paulo, COM-ARTE, 2014.
- Carreira, Eduardo Netto, *Carlos Marighella e a história do conceito "terrorismo"*, Tese de doutoramento, Universidade de Brasília, 2020, pp. 320. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40477>.
- Chaliand, Gerard e Blin, Arnaud, *The History of Terrorism: From Antiquity to Al Qaeda*, California, University of California Press, 2007.
- Craig, John S., *Heroes, rogues, and spies: Historical essays*, s. l., Lulu Books, 2012, p.169.
- Silva, Carla Luciana, "A influência teórica do militante espanhol Abraham Guillén em grupos de luta armada na América Latina", em *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.º 30, 2021, pp.104-128. Disponível em <http://revista.anphlac.org.br>.
- Deakin, Thomas, "The legacy of Carlos Marighella", *FBI Law Enforcement Bulletin*, v. XLIII, 1974.
- Feltrinelli, Carlo, *Feltrinelli, editor, aristocrata e subversivo*, São Paulo, Conrad, 2006.
- Generoso, Lidia Maria de Abreu, "A revista *Tricontinental* e a construção do Terceiro Mundo: conceito, itinerâncias e sensibilidades", *Esboços*, n.º 46, vol. 27, Florianópolis, set./dez., 2020, p. 455.
- Guillén, Abraham, *La estrategia de la guerrilla urbana*, Montevideu, Manuales del Pueblo, 1966, p. 64.
- Hage, Julien, "La génération des éditeurs protagonistes de la décolonisation. Radicalités, rigueurs et richesses de l'engagement éditorial", em *Bibliodiversity – Édition et engagement*, Février, 2016, pp. 9-17.
- Hage, Julien, "Les éditeurs de gauche et la lutte armée en Italie (1966-1979)", em Marc Lazar e Marie-Anne Matard-Bonucci (dir.), *L'Italie des années de plomb*, Paris, Autrement, 2010, pp. 98-111.
- Jeanneret, Pierre, "François Maspero, un éditeur engagé dans le siècle", em *Gauchebo*, 29 avril 2010. Disponível em <http://www.gauchebo.ch/?Francois-Maspero-un-editeur-engage>.
- Lacerda, Felipe Castilho de, "Che Guevara em Paris: François Maspero e as Edições 'Terceiro-mundistas' no Contexto de 1968". Disponível em www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20Aprovados/MC7/MC73.pdf.
- "La Maison". Página eletrônica das Éditions du Seuil. Disponível em www.seuil.com/la-maison
- Larraquy, Marcelo, *De Perón a Montoneros: História de la violência política em la Argentina. Marcados a fuego II (1945-1973)*, Buenos Aires, Aguilar, 2010.
- Macphee, Josh, *Judging Books by Their Covers*, Disponível em justseeds.org/jbbtc-132-tricontinental-press-pt-1/
- Magalhães, Mário, *Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo*, São Paulo, Cia. das Letras, 2021.
- Maspero, François, "Postface", em Pierre Jeanneret, Léonard Burnand e Carron Damien, *Livre et militantismo, la Cité éditeur 1958-1967*, Lausanne, Éditions d'en bas, 2007, pp. 161-69.
- Miller, Martin A., *The foundations of modern terrorism: State, society and dynamics of political violence*, Duke University, Cambridge University Press, 2012.
- Mir, Luís, *A revolução impossível*, São Paulo, Best Seller, 1994.
- Mollier, Jean-Yves, "Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século XV ao século XX", em Dutra, Eliana Freitas e Mollier, J. Y. (orgs.), *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*, São Paulo, Annablume, 2006, pp. 259-274.
- Mollier, Jean-Yves, *Edição, imprensa e poder na França no século XX*, São Paulo, Edusp, 2015.
- "Nota do Editor", em Marco Aurélio Garcia, *Notas para uma história dos trabalhadores: contribuição à história da esquerda brasileira e outros escritos*, São Paulo, IMAG/Fundação Perseu Abramo, 2019.
- Raw, Randall D., *Terrorism, a history*, Cambridge, Polity Press, 2009.
- Re, Matteo, "Cómo las guerrillas metropolitanas sudamericanas influenciaron en el terrorismo europeo: praxis organizativa y un lenguaje común", em *Revista Electrónica Iberoamericana*, n.º 1, vol. VI, Madri, 2012. Disponível em <http://www.urjc.es/ceib>.
- Ribeiro, Maria Cláudia Badan, *Experiência de luta na emancipação feminina: mulheres na ALN*, Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2011, pp. 85-86.
- Safatle, Vladimir, "Ler Marighella", em *Cult*, 2021. Disponível em revistacult.uol.com.br/home/ler-marighella/.
- Sterling, Claire, *A rede do terror: a guerra secreta do terrorismo internacional*, Rio de Janeiro, Nórdica, 1982.
- Wolikow, Serge, "História do livro e da edição no mundo comunista europeu", em Deaecto, Marisa Midori e Mollier, Jean-Yves (orgs.), *Edição e revolução: Leituras comunistas no Brasil e na França*, Belo Horizonte e São Paulo, Editora UFMG e Ateliê, 2013, p. 313-331.



Books and armed struggle. The editions of works by Carlos Marighella in the 1970s in Europe

Resumen

Esta es una investigación en curso sobre la edición de libros con textos del líder político comunista brasileño Carlos Marighella sobre lucha armada, guerrilla urbana y violencia como instrumentos de acción política. Sus escritos, especialmente el **Minimanual del guerrillero urbano** (1969), tuvieron amplia circulación, repercusión e influencia política en los años 1970 en América Latina y en Europa, sirviendo de subvención a grupos como la Rote Armee Frakti-RFA (Alemania Occidental), las Brigadas Rojas (Italia) y el Frente Popular para la Liberación de Palestina. Tal influencia hizo que Marighella fuera considerado en un momento el teórico guerrillero más importante después del Che Guevara. Esta investigación pretende mostrar cuáles son los caminos editoriales de los textos de Marighella en Europa y cuáles son las editoriales que publican libros del autor. La investigación se encuadra en el estudio de la edición política —la actividad editorial que está íntimamente ligada al compromiso político.

Palabras clave: Guerrilla Urbana; Carlos Marighella; Minimanual del Guerrillero Urbano.

Abstract

This is an ongoing research on the publication of books with texts by the Brazilian communist political leader Carlos Marighella on armed struggle, urban guerrilla warfare and violence as instruments of political action. His writings, especially the **Minimanual of the urban guerrilla** (1969), had wide circulation, repercussion and political influence in the 1970s in Latin America and Europe, serving as a subsidy to groups such as the Rote Armee Frakti-RFA (West Germany), the Red Brigades (Italy) and the Popular Front for the Liberation of Palestine. Such influence caused Marighella to be considered at one point the most important guerrilla theoretician after Che Guevara. This research aims to show which are the editorial paths of Marighella's texts in Europe and which are the publishers that publish the author's books. The research is framed within the study of political publishing —the editorial activity that is intimately linked to political commitment.

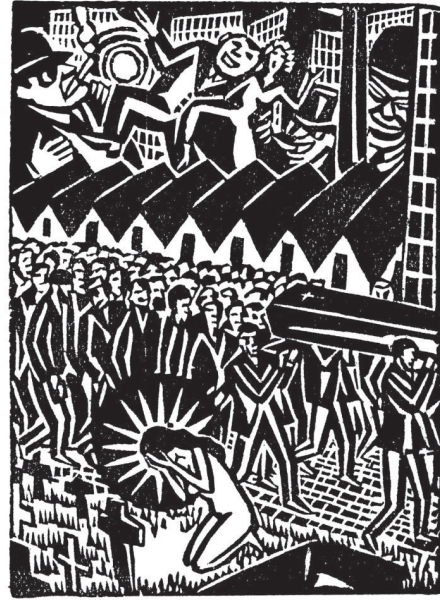
Keywords: Urban Guerrilla; Carlos Marighella; Minimanual of the Urban Guerrilla.

Recibido: 8/4/2023

Aceptado: 19/10/2023



Franz Masereel, *La idea*.



Franz Masereel, **La idea**.